

# VIDA FLUMINENSE

Folha Illustrada

**ESCRITORIO**  
**RUA DO OVIDOR**  
32 - 2.º andar - 32

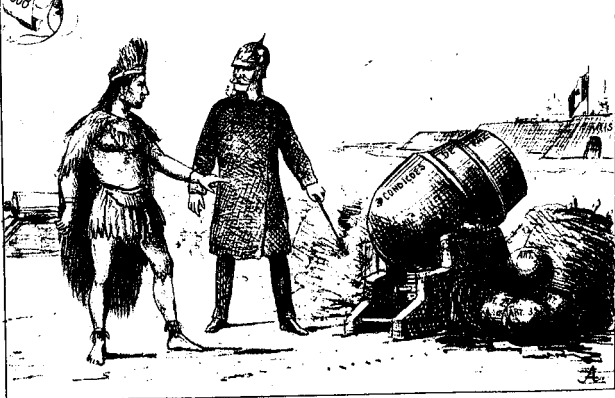
**CORTE**

Trimestre	3\$000
Semestral	10\$000
Anno	20\$000

**PROVINCAS**

Semestral	1\$000
Anno	2\$000
Avulso	1\$000

1869



*Brasil e Russia*

*« Assim é o mundo! »..... Eu nunca incendiarei cidades, nunca maltrarei mulheres e crianças.... e, quando vi o poder do Espas baqueiro, suspenso completamente as hostilidades e estendi logo mão amiga ao povo paraguayo. Entendi não seu senão um selvagem e a Russia um luciro da civilização.*

## A VIDA FLUMINENSE

Rio, 15 de Outubro de 1870.

## A Reforma

Na chronica de sabado passado disse eu, fazendo uma succinta resenha jornalística:

“A *Reforma* reformou-se pela setima ou oitava vez.

“Resolram-lhe recursos intellectuaes, faltam-lhe, porém, os pecuniarios.

“Será possivel que o partido liberal seja tão *grande* que não possa sustentar um unico orgão de suas idéas?”

No dia seguinte veio estampada no logar de honra da *Reforma* uma cousa com visos de artigo de fundo em resposta ás linhas precitadas, cuja linguagem e cujo desconcho de idéas destoão com as mais rudimentaes preceitos do jornalismo.

Depois de grande escripto meu e de alguns amigos affectos a decifrar chamadas, consegui adivinhar que o intento do articulista era:

1.° Repellir a *rude aggressão feita por mim aos creditos* dessa folha;

2.° Fazer bem publico que *para viver honradamente não só sobram-lhe, como até resolram-lhe os recursos pecuniarios*.

Vamos por partes.

Em que aggreedi eu com rudeza os altos creditos desse *nolli me tangere* da imprensa, que, investindo diariamente todos, pretendo, entretanto, ser por todos acatado como immaculada donzella?

Nas minhas linhas acima transcriptas não ha uma palavra sequer em desabono de *seus creditos*; ha sim tudo contra os liberais que a têm sempre deixando viver.... e morrer.

Nessas linhas, como em todas quantas anteriormente escrevi com referencia á *Reforma*, procurei muito de industria tornar bem patente que se ella não prospera não é de certo por incapacidade de seus gerentes e redactores, mas, por méro desamor de seus correligionarios.

Onde está, pois, a *rude aggressão*?

Em dizer que lhe fallem os recursos pecuniarios?

Ora! Ora!

E' tão pequenino isto! Adiante!

Entremos na segunda parte.

Animou-se a afirmar em letra redonda o articulista, que tão mal conhece a vida intima da donzella por amor de quem enistou a lança, que para *viver honradamente* tem ella mais do que os recursos pecuniarios precisos.

Louco!

Como aquella mãe que n'um amplexo amoroso matou seu idolatrado filho, o desusado advogado da *Reforma*, querendo defendê-la da pequena aggressão,

que por engano enxergou no meu artigo, não conseguiu sendo irrogar-lhe a mais grave de todas as censuras, — a de fazer supôr que ella *estende mão pedinte, quando tem seus celfeiros fartos*.

Realmente, quem confronta a asserção do articulista com a da circular dirigida em 15 do passado (ha trinta dias apenas!) aos seus correligionarios pelo Centro Liberal, e firmada pelos Srs. conselheiros Nabuco, Souza Franco, Zacharias, Dias de Carvalho, Paranaíba e Cansanção de Sinimbu, não pôde deixar de concluir que o articulista falta á verdade quando asserve que a *Reforma sobram e resolram os meios de viver honradamente*, ou falta á verdade o Centro Liberal quando diz em circular que—*sendo grandes as sacrificiões pecuniarias que exige o custo de um JORNAL DIARIO, fizesse maior que seus amigos promovessem para a Reforma o maior numero possível de assignações e que CONSIDEREM URGENTE A MATERIA DESTE PEDIDO!* (As palavras sublinhadas são copiadas fielmente do original).

Se a *Reforma* tem recursos superiores aos necessarios para viver *com honra*, como que o articulista, para que fez o Centro Liberal mais este apello aos seus amigos?

Se não os tem, como dá a entender o Centro Liberal, por que sustenta o articulista que ella vive desassombradamente?

E' manifesta, bem o vê o leitor, a contradicção entre o artigo a que respondo e a circular de 15 do passado.

Um dos dois documentos affirma uma falsidade; qual delles?

Quanto a mim é o da *Reforma* e creio intimamente que, como eu, ninguém duvidará das palavras subscriptas pelos cinco distinctos conselheiros de Estado supra-mencionados, para prestar fé nas de um articulista apavonado, que ainda ninguém me soube dizer quem é.

Supponho ter provado cabalmente que na resenha jornalística que escrevi, ha oito dias, nem aggreedi com rudeza os *creditos da Reforma*, nem sustentei uma não verdade, quando disse que lhe faltavam os recursos pecuniarios.

Mais duas palavras; para terminar:

Pretende a *Reforma* fazer acreditar que o pequeno artigo da minha ultima chronica foi-me inspirado pelo director da estrada de ferro de D. Pedro II.

As pessoas, porém, que cohechem o Sr. commendador Mariano e eu, sabem perfeitamente que nem elle é capaz de abusar da sua posição de chefe para constituir-me seu instrumento particular, nem eu sou empregado que me preste a taes manejos.

Não escrevo com a mesma penna o expediente da secretaria e as chronicas da *Vida Fluminense*.

Folheiem-se os tres volumes annuaes deste hebdomadario e vêr-se-ha o que sou.

A. DE C.

## Assumppto de varias côres

A *Africana*, de Meyerbeer. — Ouçam-nos cinco vezes e aprecio-nos a sexta. — Um *mêe en scène, hors ligne*. — França Junior. — Direito por linhas tortas. — Confirmação de um prognostico. — Costa Lima e uma peça eminentemente brasileira. — O negro, que faz chorar. — S. Pedro, ausens a vapor. a *Virgem da Madeira*, e a *Torre de Londres*. — Milagres do Sr. Valentim. — Como se pôde ir a Paris sem sair do Rio de Janeiro. — O pessoal artistico do mestre Arnaud. — Rosa Maria atrahindo no pelajo do esquadramento uma trilha de recordações. — El señor Pope, o o barriqueo Contem.

\* \*

Estava annunciada para hontem, e deve repetir-se hoje no theatro *Lyrico*, a monumental composição do Meyerbeer, a que Scribe, no seu estapafúrdio poema, den o título de *Africana*.

Se ha trabalho musical, cujas bellezas tentam sido cantadas em prosa e verso pelos criticos mais severos da nossa época, é o que, a hura em que escrevo, está a ponto de passar pelas provas publicas na scena a cargo do nosso patricio, o Sr. Guimaraes.

E, olhada scientificamente, a produção mais celebre de seu tempo: é a musica moldada pelas fórmulas do *classico* rigoroso: é a *partitura*, onde se observaram, desde o primeiro até ao ultimo, os mil preceitos dessa arte divina, que poucos cultivaram com o esmero excepcional do grande mestre allemão.

Não se admitem, pois, os numerosos frequentadores da sala do campo de Sant'Anna, se, á primeira vista, não encontrarem na opera esses motivos facies e brilhantes, que delectam o ouvido sem cularem a alma: não. Ouçam a *Africana* durante noites consecutivas; prestem rigorosa attenção ás combinações harmonicas, cuja originalidade e sciencia tão apregoadas foram pelos criticos mais pessimistas; escutem em religioso silencio essas melodias, cuja inspiração por vezes cortada para se attender ás leis da forma e melhor traduzir em musica a idéa contida na phrase poetica: — e ao cabo de oito ou dez noites a obra sublime de Meyerbeer terá obtido no Rio de Janeiro o exito descommunal que, após varias audições, publico algum pôde renovar-lhe até hoje.

\* \*

Até lá, sem prejudicar a attenção do ouvido, lancem os olhos sobre o *mise-en-scène* da *Africana*; reparem no luxo das roupas, na illusão do scenario, e no cuidadoso esmero dos accessorios: aplaudam a valer os constantes esforços d'essa empreza, que, sem auxilio dos cofres publicos, apresenta espectáculos muito superiores a tudo quanto até hoje tem subido á scena no nosso theatro lyrico; prodigalísemos bravos e palmas a esse conjunto de artistas, que a cada passo revela um zelo e boa vontade de como não ha exemplo entre nós: e, quando estas exigencias se acharem satisfeitas, virá então o ouvido, já effeito á opulência de uma instrumentação prodigiosa, de-vendar as bellezas insinuantes que dêem á obra posthuma do Meyerbeer a *celebridade*, de que ella goza perante os povos mais cultos do universo.

\* \*

Quando, outr'ora, subio á scena no theatro do

*Gymnasio* uma comedia de costumes nacionaes, a que França Junior deu o título de *Reijo do Jublar*, prognostiquei a esse moco alevantos um futuro brilhante na especialidade litteraria, que maior predilecção parecem merecer-lhe.

Não me enganai, folgo de dizel-o.

*Dirreto por linhas tortas* confirma o prognostico, e aponta ao autor um lugar entre os homens notaveis que mais têm trabalhado em favor do theatro brasileiro.

\* \*

Peça eminentemente brasileira, de cujo exito não é lieito duvidar, escreveu tambem o Sr. Costa Lima, actor que durante alguns annos pisou a scena dos melhores theatros de Lisboa, e que, a convite do Valle, faz actualmente parte da companhia do nosso *Gymnasio*.

Até hoje o nosso publico desatava a rir todas as vezes que via um negro em scena, não é verdade? Pois vto ao *Gymnasio* logo que se annuncie a primeira representação dos *Papillos do escravo*; e se, ao descer do palco, não sahirem de lá com as lagrimas nos olhos, é que em lugar de enação concedem-lhes a natureza um pelajo de gesso petrificado.

\* \*

O crescido numero de theatros trabalhando simultaneamente obriga os empregarios a variar por tal forma os seus espectaculos, que o publico nem já sale para onde virar-se.

Vejam a *S. Pedro*.

Não contente de ensinar a vapor a sua *Virgem da Madeira*, cuja interpretação conscienciosa, e *mise en scène* esmerada mudou na boca dos mais exigentes, já annuncia para esta noite a *Torre de Londres*, drama de situações commoventes, porpicias inesperadas e scenario luxuoso!

E em vista disto descreiam dos milagres, se pôdem.

\* \*

Milagres de paciencia e boa vontade artistica vi em ha dias nas officinas do Sr. Valentim, o ourives mais perfeito que por ali ha, e que, a um talento excepcional, junta certa modestia... digna de palmatoadas.

Trabalhava o artista nos labores de uma espada, e por tal sorte ia o buril desculando sobre o ouro os diversos arabescos de um ornato opulento, que só ao deixar as officinas é que voltou ao Rio de Janeiro.

Até alli julgara-me em Paris, palavra de honra.

\* \*

A estrêa do pessoal artistico contractado por mestre Arnaud continúa a levar no theatro francez as multidoes, sequiosas de novidade.

A sala enche-se todas as noites, as palmas rebentam com o estampido precursor do entusiasmo, as dôres atravessam o espago com a rapidez das nossas locomotivas, e as gargantas enrouquecem á força de saltar bravos e pedir bis.



Efeitos do vento na noite de 10 de Outubro.

Foto sem xonchô. Quando o vento levanta, assom as ruas e caem os pés das com a barba.

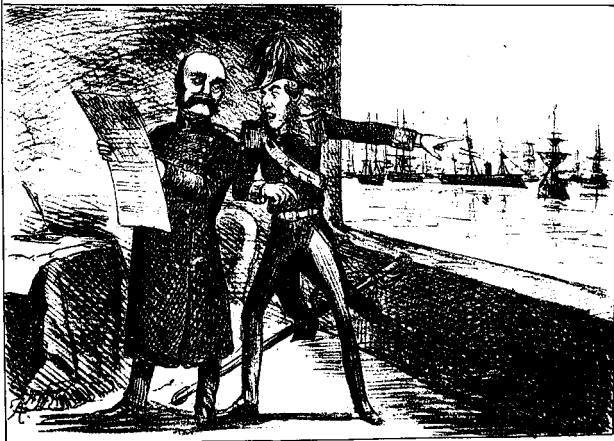


O prestidigitador Rossi no jardim de Armêlia, pedindo por meio de grande festividade encher de flores todos os camarotes do teatro S. Pedro (só se tudo entretiver a noite).  
Sera isso e preciso ter muita habilidade... e muitas flores. E uma boa encheite, para conduzir a noite Rossi.



*O Papá e Victor Manuel.*

*Corpo de bucco! Aquelle diabo do Francez sahio tão precipitadamente que deixou a porta aberta! O meu maior inimigo pode aproveitar a occasião e cá fêz em talas! Não ha que ver!*



*Prussia e Inglaterra.*

*"Eu achovery good que n'essas condicoes de paz, Prussia tenha metade do esquadre francez.... ser cose muito comfortable para mim."  
"Mas porra' que preciso eu de tantos navios?"  
"Oh, eu compra depois."*

Ricette—a mulher que abalava as convicções ingenuas de muito velhote de caracter timido e sizoado; Améd—o creturo, cujo olhar bulhoso tamanho imperio exercia sobre a cotagão,... das fiores, das joias, e do Cluquet legitimo; Zelia—a *cancanista*, que a troco de requetores seductores desvirava a cabeça do deputado taciturno, e a razão do dandy inexpressante; essa triidade de recordações saudosas foi aturada no pelago do esquecimento. Nem unis se ouve fallar dellas.

Rosa Maria é o astro d'agora: é o dinbrete que leva apóds si o moço, o velho, o dandy, o *jureta*, o senador, o deputado, o commeculador e o barão!

Não ha resistir-lhe. Todos lhe gabam o espirito, a graça, o porte, a dicção, a voz, emfim tudo.

Dahi uma especie d'antichidade todas as vezes que o nariz da facieira creatura desponha no tustidiro; d'ahi uma girandola de palmas apenas ella pae pé em scena; d'ahi um enthusiasmo que só entra nos limites da razão, quando o *bis* de um *couplet* vem satisfazer as exigências d'essa parte do auditorio, que dispõe de mãos robustas, e, garganta vigorosa!

\* \*

Se, por um lado, Rosa Maria é o principal incentivo á concurrença de todo esse povinho, que frequenta o theatro francez, ha por lá outros, que contribuem tambem muito para que á saluda não lamente o espectador os cobres relativos á entrada.

O Sr. *Peje*—hespanhol de nascimento, francez por sympathia, e que na interpretação de um *typo* inglez não tem quem lhe ponha o pé adiante—está n'esse caso.

Temos ainda Couleau, um dançarino burlesco, que faz rir as pedras.... e.... e....

Sabem que mais?—vão lá vêr.

A. DE A.

## Passos á chuva

POR

## CESERINO DE OLIVEIRA

(Continuação)

### XVII

— Sr. Velocidade, dizia-lhe eu quando a civilidade ordenou-me que delle me despedisse,—conquanto tenha sido eu hoje a victima immolada no altar da antipathia sua e de sua senhora, venho pedir-lhe d'esculpa, embora....

E não deixou-me mais fallar; d'aquella boca sahiram sons tão fortes que pareciam-se com a trovada de uma horrenda tempestade; os olhos do Sr. Velocidade dansavam na respectiva orbita e amecavam della sahir, a boca escumava; em summa, todos os circumstantes ficavam estaticos, e boquiabertos!...

— Que homem, cruzes! exclamaria alguma devota se acaso me lesse.

— E que torrente de improprios corria d'aquella lexigovel fonte!

— Só elle fallava, só elle dizia, só elle berrava. A casa da viuva perdendo a apparencia das noites anteriores,

se mostrava barulhenta e atorradora como deve ser o inferno.

— Sr. Velocidade, gritei em toda a força dos meus fracos pulmões e logo que as repolidas amonças do quabram-me a cara deram lugar á isso;—Sr. Velocidade, Deus lhe dê juizo, cabaça tom e senhor, e bem grande.

— Tomei o meu bonet e deixei o Sr. Velocidade clamando contra um homem a quem elle sabia que existia, havia apenas meia dozia de horas.

— É assim que se attribue a justiça em multas outras circumstancias.

### XVIII.

Passaram-se bastantes dias apoz essa nocturna aventura e já n'os mais lembrava-me do meu anaval Sr. Velocidade, quando, por um acaso, tornei a encontrá-lo.

Li eu pela rua da Quitanda quando da porta de um armariinho, onde achava-se um grupo de individuos, ouvi que partiam estridentes e prolongadas risadas.

Apezar de não ser mulher, para tor o dom da curiosidade, parei a fim de saber porque aquelles senhores tanto riam-se.

E o caso não era para menos, confesso; pois, tambem eu ri-me, o com vontade.

No meio da loja e tava um sujeito em quem logo reconheci a pessoa do Sr. Velocidade.

Tinha na mão direita uma boneca de cêra já sem cabeça e na esquerda um longo de chita novo, que, no acto de assar-se, tinha lhe pintado todo o nariz do encarnado.

E o Sr. Velocidade estava imdo; o Sr. Velocidade gritava e amecava meio-mundo!

E porque?

Por bem justo motivo; eis ahí vai o historico do negocio que vim a saber mais tarde:

O Sr. Percilliano, moço muito sensível e delicado, tendo se apaixonado deversas vezes pela menina Velocidade, quiz fazer-lhe um presente no dia de seus annos.

Parafusou, parafusou durante oito dias, e não podia atinar a maneira pela qual podesse obter uma toetia, que estando nos limites dos seus posses, agradasse decididamente á sua querida.

E por isso andava o pobre rapaz tão triste que era uma roupa por demais. Nos seus momentos de furor, mais de uma vez cousou querer lancar nella sacrificio em seu respeitavel chapéo de pello alto, que possuia havia bem dez annos, para esmurrar-o contra a parede!

Mas... uma vez secretaria... um enviado do Deus talvez, lhe dizia laixinho no ouvido: « Lembra-te, Percilliano, que esse chapéo foi do teu pai!—com elle, esse bom papai sabia nos d'ungos contigir o livramento ao Sr. vigário, o qual, te lavava, mais bengas que era preciso o auxilio d'esse chapéo para tu as entragares para casa! »

E o bom do rapaz, achando então das alturas da raiva em que se achava, ia, com anciosa adoração, procurar entre o furor do seu chapéo alguma bengão que nelle estivesse porventura escripta.

Impossivel!... nem uma bengão do Papa se conservaria impunemente dez annos no fôrro de um chapéo!

Felizmente o nosso Percilliano não era desses homens que não possuem amigos, por isso, passando um dia extremamente abatido por essa mesma loja, em a qual encontrrei mais tarde o Sr. Velocidade, um seu antigo companheiro de escola, que ahí estava empregado, o chamou.

Conta que o nosso Percilliano, depois de conversar com seu amigo cousa de meia hora, começou a mostrar um semblante mais risuho; o que elles disseram não o soube ninguém.

O amigo depois foi ao interior da loja e voltou com um embrulho de que, ao entregá-lo ao Sr. Percilliano, recebeu em troca um apertado abraço.

### XXX.

O embrulho não continha nada mais nem nada menos do que uma boneca de obra, e o Sr. Percilliano ao dela, triumphant, e á sua querida, estava plenamente satisfeito.

Mas, neste mundo não há felicidades completas. A boneca depois de passar pelas mãos de todas as pessoas da casa, foi cair nas mãos da Sra. Velocípede, a qual, depois de examiná-la com aquella pa-hora que lhe conhecemos, achou que tinha um grande defeito, isto é: um pequeno arranhão atrás da orelha.

Tanto virou, tanto mexeu, que a final de contas obrigou o bom Percilliano a lavar a boneca para ser trocada por outra.

No dia seguinte com a nova boneca houve o mesmo exame da respectiva a Sra. Velocípede ainda achou um defeito: um imperceptível arranhãozinho não sei onde.

Mas desta vez foram balladas as instancias da Sra. Velocípede: pois o Sr. Percilliano não quiz ir novamente trocar-a, e conquanto o motivo fosse temer aborrecer o amigo, dizia elle que não valia a pena tanto trabalho por um objecto tão insignificante.

Nessa occasião, por rém, estava presente o Sr. Velocípede e encarregou-o do desempenho dessa commissão.

Eisahi a razão porque encontrei o Sr. Velocípede na loja da rua da Quitanda.

Se esse senhor não fosse tão assumido, me disseram que elle teria trocado a boneca; mas como foi com os seus usuaes improperios, não se deixou de conseguir seu intento, como, momentos depois de ali eu encontrá-lo, era admoestado por um urbano para retirar-se em ordem. Retirou-se, portanto, sem boneca, porque já elle a tinha quebrado, e é de suppor que o Sr. Percilliano tinha-se arrependido bastante de ter feito semelhante presente.

## PHILOMELA

(Continuação)

— Não; mas não encontra repouso o queixa-se muito de dores na cabeça.

A doente que parecia adormecida, entrebriu os olhos, e vendo o medico estendeu-lhe a mão descarnada e febril.

— Ah! é o Sr. Eduardo? Então julga que estou mal, não é assim?

— Qual! nem pense n'isso; atalhou o medico, que o leitor já deve ter reconhecido.

— A falar-lhe a verdade, senhor Eduardo, isso me annoia, unicamente por um motivo...

— Qual é elle?

— Qual? Pois, não é para causar pena o ver eu esta menina passar as noites sem dormir, e andar sempre afflicta, por minha causa!

— Nada rodelo por mim, indistinha, disse a moça, com a voz um pouco tremula, eu passo muito bem assim.

— Ella é moça, acrescentou o medico, e isso não lhe pôde produzir grande abalo.

— E' moça... é moça, eu bem o sei; mas nem por isso deixo de ruer, que ella adoça...

— Tranquillize-se..., ha dizendo o medico.

— Ah! o senhor diz isso facilmente, porque não a estima como eu; senão...

Eduardo voltou casualmente os olhos para a moça e viu-a corar. Apesar do dominio que o manuebo tinha sobre si, não pôde deixar do estremecer; e afastando-se do leito, foi assentar-se junto de uma mesa, onde havia papel, pennas e um tinteiro.

Durante alguns minutos o silencio que reinava no sombrio aposento foi apenas interrompido, pelo ruido que fazia a pena do medico correndo rapidamente sobre o papel.

Final a receita Eduardo chamou do parto a moça.

— Queira mandar vir, com a maior brevidade este remedio, e administre-o com pequenos intervallos.

— De meia em meia hora, não?

— Sim, é bastante. Vou sair, porque tenho a necessidade de ir ver ainda um doente, que não posso deixar de visitar todos os dias; mas pouco me demorearei.

— Volta ainda hoje?

— Dentro de uma hora.

— Porque? Achou a muito grave?

— Não; mas é preciso que eu venha para impedir que a senhora se conserve acordada durante toda a noite junto da doente.

— Isso não é exacto; sab: que minha tia e meu tio tem fado quarto tambem.

— Si, mas ainda assim, a senhora tem passando noites em claro...

— Porém, eu não sinto.

— Justamente por isso tenho mais empenho em que a senhora descanse; isso que attribuo a vigor não é mais do que a grande excitação nervosa em que tem estado.

O medico pronunciava estas palavras, revelando o mesmo interesse que um pai pôde ter por uma filha estromecida.

Martha ouvia-o calada e commovida, e quando elle se retirava do quarto, acompanhou-o com os olhos humidos até a porta.

Já no patamar da escada Eduardo foi detido por uma senhora, que o leitor deve conhecer da casa mysteriosa, onde a vimos em companhia de um homem de madura idade.

— Então, como a encontrou, doutor?

— Achou-a gravemente enferma.

— Contada! Receitou? perguntou a senhora.

— Sim, recomendei a sua sobrinha que mandasse preparar o remedio com brevidade.

— Quando volta, doutor?

— Dentro de uma hora.

O manuebo despedio-se; entrou novamente no tilbury, que o ficára esperando, e partiu na direcção da cidade.

(Continuação)

## Leiam

Desde que se reabriram as portas do theatro italiano tem-se manifestado entre as moças da nossa sociedade o desejo de aprender a lingua de Dante.

Em casa do Sr. Bevilacqua, á rua dos Ourives, indifferente a morada de uma senhora viuva, cuja educação esmerada, tanto affavel, e perfeito conhecimento do idioma italiano são optima garantia para os chefes de familia, que, desajudado condescender com a vontade de suas filhas, se resolverem a chamar para seu lado uma professora habilitada a leccional-as.

AVIDA FLUMINENSE



*Russia e França*